

Adverbiais de base exofórica no português brasileiro – séculos XVII-XIX

(Adverbiaux de base déictique dans le portugais brésilien)

Sônia Bastos Borba Costa¹

¹Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

soniaborba.let@uol.com.br

Resumé: Cet travail presente une réflexion, sur l'origine et le trajet sémantique d'adverbiaux simples et de locutions adverbiales de contenu sémantique spatial et temporel à partir de données collectées dans des textes du XIV^e au XIX^e siècles, y compris les données du portugais brésilien (XVII – XIX siècles). Ces adverbiaux, qui ont eu d'abord une valeur déictique de première et de seconde personne pronominales, vont vers l'abstratization, tel que préconisé par la Théorie de la Grammaticalisation.

Mots-clés: diachronie du portugais; adverbiaux spatiaux et temporels; exophore et cataphore; portugais brésilien.

Resumo: Este trabalho traz uma reflexão sobre a origem e a trajetória de advérbios simples e locucionais de conteúdo espacial e temporal, a partir de dados recolhidos de textos dos séculos XIV a XIX, incluindo dados do português brasileiro (séculos XVII a XIX). Tais advérbios, originalmente exofóricos de primeira e de segunda pessoas, estão na direção de maior abstratização, como preconizado pela Teoria da Gramaticalização.

Palavras-chave: diacronia do português; advérbios espaciais e temporais; exófora e catáfora; português brasileiro.

Introdução

Com vistas a contribuir para a compreensão do lugar ocupado por advérbios simples e locucionais na história das palavras gramaticais do português, apresento dados e reflexões acerca da trajetória semântica e referencial dos advérbios portugueses de sentido dêítico (exofórico) de primeira e segunda pessoas (P1 e P2), do latim ao século XVI, no português europeu, e nos séculos XVII, XVIII e XIX, no português brasileiro. A pesquisa em curso iniciou-se quando da realização de Tese de Doutorado (COSTA, 2003) sobre os advérbios e locuções adverbiais de conteúdo semântico espacial e temporal recolhidos de *corpus* constituído por 1 texto do século XIV (*A lenda do Rei Rodrigo*), 1 do século XV (*Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes) e 9 do século XVI, de tipos discursivos diferenciados (cartas, relatos históricos, textos de gramáticas e de material de intenção pedagógica).¹ Além dos dados constantes dos citados textos, foi consultada a obra de

¹ Os textos analisados foram: Carta de Pero Vaz Caminha, texto integral – CPVC, de 1500; Cartas de D. João III, de números 1 a 22 (1521-1531) - CDJIII; Cartas da corte de D. João III, de números. 3, 8, 9, 22, 43, 47, 50 a 79, 84, 85, 86, 106, 163, 165, 167, 169, 171 e 173 (1530-1562) – CCDJ; Gramática da linguagem portuguesa, texto integral - GFO, de Fernão de Oliveira, de 1536; Gramática da língua portuguesa, texto integral – GJB, de João de Barros, de 1540; Diálogo em louvor de nossa linguagem, texto integral - DLNL, de João de Barros, de 1540; - Diálogo da viciosa vergonha, texto integral - DVV, de João de Barros, de 1540; Primeira Década da Ásia, quota de 1343 linhas - DA-I, de João de Barros, de meados do século XVI; Segunda Década da Ásia, quota de 1554 linhas - DA-II, de João de Barros, de meados do século XVI.

Mattos e Silva (1989), para dados do português arcaico. Os itens adverbiais recolhidos totalizaram 161 formas, submetidas a análise que considerou os traços semânticos: a) referência a espaço estrito; b) referência a espaço estendido; c) estatuto fórico; d) expressão de estaticidade ou dinamicidade. Desde aquele momento tenho rastreado e analisado formas de advérbios e de locuções adverbiais, considerada sobretudo a sua trajetória semântica, em textos do século XVII (Cartas do Maranhão, de Antonio Vieira), do século XVIII (cartas de juizes baianos) e do século XIX (cartas familiares e cartas de leitores de jornais baianos e mineiros). Neste trabalho, concentro-me nos adverbiais de uso básico exofórico de primeira e segunda pessoas (*cá, aqui, i, aí* e suas respectivas locuções). O trabalho se baseia na Teoria da Gramaticalização de base teórica funcionalista e evoca o *cline* semântico proposto por Heine et al. (1991), que preconiza um deslocamento de sentido e de função dos elementos linguísticos na direção que parte do mais concreto para o mais abstrato. No que diz respeito aos dados analisados para este trabalho, pode-se ter a trajetória semântica, a partir do latim, caracterizada, em termos gerais, como: **espaço estrito > espaço estendido > tempo > outras noções** e, no que tange à referência como: **elemento exofórico > elemento anafórico > juntivo**.

O subsistema demonstrativo exofórico e anafórico

No latim clássico, o subsistema dos advérbios espaciais exofóricos era paradigmaticamente cognato dos pronomes demonstrativos *hic, iste, ille* e suas flexões, correspondentes às três pessoas do discurso, do que decorre um paradigma tricotômico. Havia ainda duas séries de uso anafórico (*is* e *idem*, com suas flexões).

Reproduzimos, em parte, para melhor visualização, os dados oferecidos por Faria (1958, p. 249):

Tabela 1: adverbiais exofóricos (latim clássico)

DEMONSTRATIVOS	EXOFÓRICOS ESPACIAIS			
	onde	de onde	para onde	por onde
<i>hīc, hāc, hōc</i>	<i>hīc</i>	<i>hīnc</i>	<i>hūc</i>	<i>hāc</i>
<i>īstē, īstā, īstūd</i>	<i>īstīc</i>	<i>īstīnc</i>	<i>īstūc</i>	<i>īstāc</i>
<i>īllē, illā, illūd</i>	<i>īllīc</i>	<i>īllīnc</i>	<i>īllūc</i>	<i>īllāc</i>

Tabela 2: elementos anafóricos (latim clássico)

DEMONSTRATIVOS	ANAFÓRICOS ESPACIAIS			
	onde	de onde	para onde	por onde
<i>īs, ēa, īd</i>	<i>ībī</i>	<i>īndē</i>	<i>ēo</i>	<i>ēa</i>
<i>īdēm, ēādēm, īdēm</i>	<i>ībīdēm</i>	<i>īndīdēm</i>	<i>ēōdēm</i>	<i>ēādm</i>

Ao que se infere das descrições e análises a que tive acesso, por volta do século XIV (cf., por exemplo, MATTOS E SILVA, 1989, p. 232-239), a língua portuguesa oferecia a seguinte situação quanto aos demonstrativos e adverbiais espaciais:

- a) sistema tripartido de adverbiais exofóricos básicos, expressando a noção de **lugar onde**, como no latim, também correlacionável aos demonstrativos e, portanto, às três pessoas do discurso;

- b) ocorrência de três formas para o primeiro grau (primeira pessoa) e para o terceiro grau (terceira pessoa) de exófora, paradigmaticamente relacionáveis, enquanto o segundo grau (segunda pessoa) apresenta apenas uma forma;
- c) formas “analíticas”, ou seja, a forma básica precedida de preposições, para expressar as noções de **lugar de onde**, **por onde** e **para onde**.

Como tentativa de sistematização, abaixo explico a relação desses adverbiais espaciais exofóricos com os demonstrativos em português, relacionando-os também ao étimo latino:

Tabela 3: correlações entre demonstrativos e adverbiais espaciais exofóricos no português arcaico

	DEMONSTRATIVOS	ADVERBIAIS	ÉTIMO
P1	este	aqui/acá/acó	hīc/hāc/hūc
P2	esse	i	ībī
P3	aquele	ali/alá/aló	īllīc/īllāc/īllūc

Do ponto de vista semântico, o português, portanto, manteve a tripartição do campo exofórico, e, no período arcaico, contou com duas formas de anafóricos espaciais (*i*, para o lugar **onde** e *en~ende* para o lugar **de onde**, com alguma ampliação de seus sentidos). Por volta do século XVI, reduziu drasticamente o número de formas simples, de 21 formas latinas para 8, visto que tornou preferencialmente analítica a expressão do **lugar de onde**, **por onde** e **para onde**, não apresentava mais a forma *en~ende* e apresentava usos específicos para o *i*, já em concorrência com a forma *ai*. Outras formas, não tratadas neste trabalho, passaram também a preencher os usos anafóricos, incluindo as próprias formas de demonstrativos. Esclareço que admito ser esse um raciocínio temerário e certamente simplista, dado não termos elementos para discernir se as três formas de adverbiais referentes, respectivamente, a *este* e *aquele* guardavam entre si qualquer distinção semântica, morfossintática ou discursiva, ou se representavam apenas variantes. Há também a forma *acolá* (um quarto grau de exófora?), não registrada em Mattos e Silva, 1989, nem encontrada no texto da LRR, mas referida como existente desde o séc. XIII por A. G. Cunha (1998), referido por Houaiss (2001).

No século XVI, julgo, portanto, que o subsistema exofórico se estruturava em cinco graus (*aqui e cá; i~ai; ali; lá; acolá*), embora correlacionadas a apenas três pessoas, visto que a P3 correspondem três graus. Apresentava, ainda, como já dito, formas “analíticas”, ou seja, a forma básica precedida de preposições, para expressar as noções de **lugar de onde**, **para onde** e **por onde**, havendo alguma alternância ou sobreposição de formas na distribuição por esses cinco graus. O anafórico *i* se alterou, a partir do século XVI, para *ai* e o anafórico *ende* desapareceu enquanto forma isolada, só se mantendo na forma *por onde*, que veio a dar o contemporâneo *porém*.

Proponho assim, para o século XVI, a partir dos dados que analisei, a tabela a seguir, que, simplificada, permite visualizar o subsistema exofórico:

Tabela 4: subsistema de advérbias exofóricas portuguesas no século XVI

GRAUS		ADVERBIAIS ESPACIAIS EXOFÓRICOS			
		onde	de onde	para onde	por onde
P1	1º grau	aqui / cá	daqui / de cá	até aqui / pera cá	por aqui / por cá
P2	2º grau	i / aí	dhy / desi / daí	-	per hy
P3	3º grau	ali	dali	te li / pera ali	por ali
	4º grau	lá	de lá	até la / pera la	-
	5º grau	acolá	-	-	-

Antes de apresentar os resultados de que disponho para os advérbias de que aqui trato, é conveniente que explicito as categorias consideradas para a análise. As categorias semânticas são, sobretudo: *espaço* (*estrito e estendido*), *tempo* e *texto*. Para os tipos de referência, distingo emprego *exofórico* (referência extralinguística), de emprego *anafórico* e *catafórico* (referência de recuperação em porções textuais anteriores ou posteriores, aqui englobados pelo termo *anafórico*) e do que chamo, em falta de denominação melhor, de *intrafórico* (referência ao texto que está sendo escrito). Esclareço que o uso anafórico se apresenta com nuances semântico-referenciais interessantes que explicitarei quando necessário.

Assim, observando o valor semântico e o comportamento referencial dos elementos analisados, apresento algumas conclusões que a análise desses elementos me tem permitido, iniciando por quadros que registram:

- a) 1ª coluna: as formas simples e as locuções encontradas;
- b) 2ª coluna: o étimo;
- c) 3ª coluna: quantificação das formas encontradas; valor semântico (**E**, para **espaço**; **T**, para tempo e **TX**, para texto); tipo de referência (**EX1**, **EX2** e **EX3**, para, respectivamente, uso **exofórico** de P1, de P2 e de P3; **AN**, para uso **anafórico**; **IN**, para uso **intrafórico**); dados recolhidos dos Diálogos de São Gregório DSG, a partir de Mattos e Silva, 1989;
- d) 4ª coluna: o mesmo para dados da *Lenda do Rei Rodrigo* (LRR) – séc. XIV;
- e) 5ª coluna: o mesmo para dados da *Crônica de D. Pedro* (CDP) – séc. XV;
- f) 6ª coluna: o mesmo para dados dos nove textos do século XVI;
- g) 7ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas do Maranhão* (CARMA) – séc. XVII;
- h) 8ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas Setecentistas* (CARSET) – séc. XVIII;
- i) 9ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas dos Avós* (CARVÓS) – séc. XIX;
- j) 10ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas de Leitores* (CARLEIT) – séc. XIX.

Embora registradas nas tabelas as locuções que ocorrem, os exemplos apresentados privilegiarão a forma simples.

A forma *CÁ*

Tabela 5: a forma *CÁ* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)

ADVS	ÉTIMO	XIV ₁	XIV ₂	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX ₁	XIX ₂
CÁ	aca <lat. <i>ēccūm hāc</i>	acá-1 E EX 1	acó-3 E EX 1	1	20 E EX 1	41 E EX 1	1 E EX 1	5 E EX 1	3 E EX 1
ATÉ CÁ	até+cá	-	-	-	-	-	-	1 E-T EX 1	-
DE CÁ	de+ca	-	-	-	13 E EX 1	4 E EX 1	-	8 E EX 1	-
PARA CÁ	para+cá	-	-	-	2 E-T EX 1	4 E-T EX 1	1 T EX 1	-	2 T EX 1
POR CÁ	por+cá	-	-	-	1 E EX 1	3 E EX 1	-	-	-

A forma *ca* é proveniente da forma *acá*, advérbio do português arcaico, época em que compunha série com as formas *acó* e *aqui*, sem que tenha sido possível detectar se representavam quaisquer nuances significativas ou se funcionavam como variantes, embora possivelmente as formas *acó* e *acá* fossem mais utilizadas com sentido dinâmico, enquanto *aqui* cobrisse preferencialmente o sentido estático. Assim, nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 232-233), a forma *acá* é registrada apenas uma vez, com sentido espacial exofórico dinâmico (em coocorrência com o verbo *dar*).

Na LRR não ocorre a forma *acá* e a forma *acó* é registrada três vezes:

- (01) - Pois, dom Juliam, que vos fez viir *acó* per tam forte tempo como este?... (LRR, p. 52, l.22-23)
- (02) Mas, quando me era mester de folgar por o grande trabalho que havia passado, houve-me de meter eno mar e viir *acó*. (LRR, p. 54, l. 79-81)
- (03) E pois, boa dona, que quisestes *acó*? (LRR, p.57, l. 20)

Na CDP *ca* ocorre apenas uma vez, com sentido impreciso, talvez expressando **lugar por onde**, aliás, seu valor etimológico.

- (04) ...começarom de correr huas *ca* e outras lá... (CDP, p. 269, l. 67)

No séc. XVI, são 20 as ocorrências, que apresentam sentido espacial. Quanto à foricidade, é exclusivamente exofórico correspondente a P1.

- (05) ...estoutros nom digam quando *ca* vossa alteza mandar...(CPVC, p. 6, l. 30-1)
- (06) ...seja cõ condiçã que se posa *ca* mãdar a menuta d'elle... (CDJIII, p.22, l. 212-3)

Vista em diacronia, a forma, que recebera reforço em latim, sofreu gradativa redução fonológica na passagem para o português arcaico e, desse, para o português do século

XVI. Seu conteúdo etimológico de **lugar por onde** ainda é registrado no século XV (CDP), mas, no século XVI, expressa preferencialmente **lugar onde** e seu uso para a expressão da dinamicidade é reduzido, observando-se, contudo, que ainda expressa **lugar para onde**. Assim, vai ganhando sentido mais pontual, mais preciso, estático, aproximando-se do sentido da forma *aqui*. Não apenas em número de ocorrências o *cá* se apresenta em desvantagem: enquanto o *aqui* também cobre o uso intrafórico e o anafórico, o *cá* é exclusivamente exofórico. A coocorrência *aqui/cá* é viva até a atualidade, mas o *cá* se coloca em desvantagem face a *aqui* em todas as épocas, o que se pode explicar por seu uso mais restrito, enquanto forma simples, expressando espaço restrito e exofórico. Dos séculos XVI a XIX, apresenta também valor temporal, sobretudo na locução *para cá*:

- (07) E a Restituição poderaa ser haa que foy de dez anos *pera qua*. (CCDJ, p. 106, l. 30-1)
- (08) E, posto que esta vez se estimou este caso pela novidade, de então *para cá* é cousa tão ordinária nas aldeias que ... (CARMA, c. LXVI, l. 132-133)
- (09) alcansou licensa delle *para* poder hir a essa Cidade atratar decurar huma formidavel erne *que* ainda hoje padesse e de antaõ *para cá* nunca mais poz os pes *naquelle* Villa (CARSET, p. 168, l. 211-213)
- (10) Filiado ao extinto partido conservador desde os primeiros annos de minha vida publica, de 89 *para cá* alistei-me nas fileiras do partido federalista ao qual tenho servido, sempre, com dedicação e sacrificios. (CARLEIT-BA, c. 60, l. 3-5).

Quanto à atualidade, pelo menos no Brasil, *cá* é menos usado que *aqui* e parece ocorrer mais em expressões fixas (*venha cá; de lá para cá; de um tempo para cá*).

Curioso é o uso, documentado nas CARLEIT e reconhecível na atualidade, nas expressões ‘*cá entre nós*’ e ‘*eu cá*’, que considero um tipo de espaço subjetivo, um sentido espacial mais abstrato:

- (11) mas que por esse mesmo motivo deve ser considerado como possuidor das rendas necessarias, porque tudo quanto faz é *para empicuar*; mas vamos *cá entre nós* discutir: elle só em fallar, intrigar, e bater pernas; só em ser espião do serralho, não arranja 200\$000 o que achas?.. eu *cá* faço justiça ás mesas, muito embora ella seja composta de nossos adversarios. (CARLEIT-MG, c. 111, l. 17-23).

A forma *AQUI*

Tabela 6: A forma *AQUI* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)

ADVS.	ÉTIMO	XIV ₁	XIV ₂	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX ₁	XIX ₂
AQUI	eccum hic	22 E EX1	9 E EX1	12 E-T IN	89 E-TX-AD IN	80 E-TX EX1-IN	9 E-TX EX1-AN-IN	23 E-TX EX1-IN	29 E-T-TX EX1-IN
ATÉ AQUI	até+aqui	1 T EX1	-	-	9 E-T IN-AN	9 E-T-TX EX 1-IN	7 T EX1	-	-
DAQUI	de+aqui	-	3 TX AN	1 E EX1	28 TX AN	13 E-TX EX1-AN	6 E-TX EX1-AN	4 E-TX EX1-AN	5 E-TX AN-IN-EX1
DAQUI POR/EM DIANTE	daqui+ por/em+ diante	-	-	-	-	2 E EX1	2 T EX1	-	-
DAQUI A...	daqui+ a+...	-	-	-	-	-	-	2 T EX1	-
DES AQUI	des+aqui	2 T EX1	-	-	-	-	-	-	-
POR AQUI	por+aqui	-	-	-	4 E EX 1	2 E-TX EX1-AN	-	-	-
POR AQUI ADIANTE	por+aqui+ adiante	-	-	-	1 TX AN	-	-	-	-

Aqui é forma frequente em português, atestada desde 1267, segundo Machado (1965, p. s.v.*aqui*). Semanticamente, apresenta a trajetória diacrônica **espaço estrito** > **tempo** > **espaço textual** e, no século XIX, há uma ocorrência em que expressa espaço subjetivo, na expressão ‘aqui entre nós’. Apresentarei também particularidades do seu uso no valor de espaço textual, que o diferenciam do *cá*.

Nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 233-234) são 22 as ocorrências (retiradas dos dois primeiros livros dos *Diálogos*), incluídas as formas precedidas de preposição que, neste trabalho, se tratam em separado. Seu valor é espacial exofórico, referente a P1.

Na LRR, com 9 ocorrências, é também espacial exofórico referente a P1:

- (12) *Aqui* juro eu a Deus e sobre minha lei... (LRR, p.59, l. 21)
 (13) ...ca *aqui* nom é algũo homem que nunca em esta terra fosse nem per ela nunca andasse.. (LRR, p. 68-9, l. 46-7)

Na CDP, com 12 ocorrências, é sempre espacial. Quanto à foricidade, é sobretudo intrafórico (6 ocorrências), seguido de exofórico de P1 (5 ocorrências), apresentando ainda uma ocorrência de uso anafórico.

- (14) E porque dos filhos que ouve, e de quem, e per que guisa, já compridamente avemos fallado, nom compre *aqui* rrazoar outra vez... (CDP, p.91, l. 5-8)
 (15) ...todo o que eu disse e vos ora *aqui* foi lendo e declarando... (CDP, p.212, l. 75-6)

- (16) E *aqui* cessou entom de todo a guerra d' Aragon... (CDP, p.249, l. 58)

O *corpus* analisado para o século XVI apresenta um total de 89 ocorrências. É predominantemente espacial.

- (17) ...e nos outros que *aquy* na naao cõ ele himos asentados...(CPVC, f. 2v, l. 35-6)
(18) ...numca *aqui* mais pareceram... (CPVC, f.8, l. 11)

Quanto à foricidade, apresenta uso intrafórico predominante (45 ocorrências):

- (19) ...aqual bem çerto crea q̄ por afremosentar nem afeiar aja *aquy* de poer mais caaquilo que vy e me pareceo.(CPVC, f. 1, l. 9-11)
(20) sem por isso, porẽ, deixardes de fazer nada do que vos *aquy* mando...(CDJIII, p.6, l. 291-2)

À predominância do uso intrafórico, segue-se o uso exofórico de P1 (25 ocorrências), como se pode ver dos exemplos (17) e (18). Mas ocorre também um uso exofórico, que refere espaço mais abstratizado:

- (21) ...a obrigação da qual me não deixara degenerar *d' aquy* donde descendo...
(CDJIII, p.171, 29-30)

O uso anafórico apresenta 18 ocorrências, curiosas, porque, no *corpus* analisado, à anáfora são mais frequentemente reservadas as formas *ali* e *aí*.

Além da anáfora textual mais corrente, que retoma elemento linguisticamente expresso em porção anterior do texto, ocorre um tipo de anáfora que considero mais abstrata. No caso exemplificado abaixo, o *aqui* se emprega para retomar, não um elemento linguístico, mas todo o raciocínio ou a porção da narrativa antes expressa. A esse tipo chamo “anáfora de ponto do raciocínio/narrativa”:

- (22) ...se a prática das cousas onde estes defeitos aparêçem (como em tóque), é ante pessoas que conhecem os quilátes de cada um, *aqui* está o trabalho de ôs encobrir...
(DVV, p. 422, ls. 9-11).
(23) ...e com tudo tambe padeçe a grãmatica *aqui* suas eyceições como nas outras partes...
(GFO, p.60, l. 12-4).
(24) Ruy Soarez como ya róta abatida com o recádo q̄ leuáua, fez seu caminho entregando a capitania da náa a Jorge Botelho de Pombal q̄ leuáua no seu navio, e assy lhe deu piloto: mas ajnda a fortuna della nam acabou *aquy*, mas em hua angra onde se meteo junto de Páte... (DA II, p. 40, ls. 6-10).

Além dos usos já referidos, no século XVI, ocorre um conjunto de 5 formas *aqui*, que considero como ocorrência única, por configurarem correlação aditiva:

- (25) *Aqui* juramentos fálso, *aqui* traições, *aqui* mortes de hómens, *aqui* más sentenças, *aqui* empréstemos, fianças, abonações... (DVV, p.449, l. 4-7)

No século XVII, a forma ocorre com o sentido espacial exofórico de P1:

- (26) ... tomámos este porto, assim pelo mal acreditado que está de doentio, como pela dilação forçosa que *aqui* se havia de fazer, tão contrária a nossos intentos e aos desejos com que íamos de chegar ao nosso desejado Maranhão; (CARMA, c. LVII, l. 10-12)

Ocorre também referindo espaço textual, com valor anafórico, em que identifico a anáfora de “ponto da narrativa”:

- (27) achámos o governador ocupado com o regimento que já se estava copiando. *Aqui*, esperando o termo, lhe pedi que antes de se copiar o queria ver (CARMA, c. LXV, l. 124-125)

E também sentido textual intrafórico:

- (28) Ah! Amigo, quem pudera trasladar-vos *aqui* o coração, para que lêsseis nele as mais puras e as mais importantes verdades, não só escritas ou impressas, senão gravadas! (CARMA, c. LXI, l. 39-40)

No século XVIII, também os mesmos usos se identificam: exofórico espacial de P1; anafórico de “ponto da narrativa”; intrafórico.

- (29) E como não mostrou o ser Marchante emparte alguma, selhemandou *que* talhasse *aqui* ogado, amil reis, *que* hé *aqui* ataxa da Camara, etalhou comeffeito as *ditas* Rezes. (CARSET, p. 58, l. 16-18)
- (30) dizendo *que* avia fazer Certo o Seo dito deperder aoEscrivam em fazer *que* Vossa Excelencia o botasse fora daComarca, eainda *aqui* não parou o excesso devingança do Juis (CARSET,p. 148, l. 16-18)
- (31) accudindo=se tam bem *aqui* nesta forma anececidade publica. (CARSET, p. 58, l. 28)

Também ocorre com sentido exofórico temporal:

- (32) se tem feito no Termo desta Villa a Plantaçaõ do Linho Canhamo, e té *aqui* Com fundádas esperanÇas de que seja Vtil (CARSET, p. 93, l. 3-4)

No século XIX, ainda os mesmos usos: exofórico espacial de P1; anafórico de ponto do raciocínio; intrafórico; exofórico temporal:

- (33) Li com muita satisfação a tua cartinha, sem data, que chegou *aqui* antehotem (CARVÓS, p. 127, c. 6, l. 1-2)
- (34) 2.^a porque os Imperantes assim como não tem cá na terra para dar aos homens hum premio equivalente ao Ceo, ou á bemaventurança, assim podem a certos respeitos modificar o castigo comparado ao do Inferno, onde Deos precipitou aquelles, que se tinham conjurado. Com tudo, não se entenda *daqui*, ou não pertendão os máos, que he a quem convém a errada consequencia do principio estebelecido... (CARLEIT-BA, c. 5, l. 10-15)
- (35) Não posso *aqui* deixar de alludir á essa mais que nescia arguição, que certa gente se compraz de fazer á Inglaterra,... (CARLEIT-BA, c. 23, l. 29-30)
- (36) *Daqui* a um anno has de estar ... (CARVÓS, p. 117, . 1, l. 25-26)

Do conjunto observado, avultam, ao lado da estabilidade formal, sentidos variados que podemos assim tentar descrever: do seu uso em latim, manteve o sentido preferencial espacial, estático, e a expressão da exófora de P1, embora no *corpus* ocorra bastante como intrafórico, expressando, assim, a referência ao texto ou ao trecho do texto que se escreve no momento. Trata-se, portanto, de exófora (a referência está estribada no momento espaço-temporal do falante), embora *texto* seja referência espacial mais abstrata que a referência ao espaço extralinguístico. Registrei 18 ocorrências em que a referência, anafórica, vincula a forma *aqui* a elementos mais abstratos que o texto escrito, qual sejam, ao ponto do raciocínio que se desenvolve ou ao ponto da narrativa em que se chegou, uso em que concorre com sua locução *daqui*.

É, portanto, mais rico em nuances semânticas que o seu aparente concorrente *cá*.

A forma *I*

Tabela 7: A forma *I* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)

ADVS.	ÉTIMO	XIV ₁	XIV ₂	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX ₁	XIX ₂
I	ibī	127 TX AN	21 TX AN	39 E-TX AN-EX2	57 TX AN-EX2	-	-	-	-
DHI	de+hi	-	-	10 T-TX AN	9 E-T AN	-	-	-	-
DESI	des+i	1 E/T	11 E AN	18 E AN	4 TX AN-IN	-	-	-	-
PER HY	per+hy	3	-	-	3 E AN	-	-	-	-

O étimo da forma portuguesa *i* (~*hi*~*hy*~*y*), amplamente documentado em português, desde 1272 (HOUAISS, 2001, s.v. *ai*), é um advérbio espacial anafórico, o latim *ibi*. Como tal, não era vinculado à categoria de pessoa e expressava o **lugar onde**. O *i* no português arcaico apresenta usos anafóricos de nuances variadas, alguns dos quais desapareceram, enquanto outros se mantinham ou se incrementavam, e vieram a ser assumidos pela forma reforçada *ai*, de futuro proficuo na língua portuguesa. A forma *i* só é registrada até o séc. XVI, bem como as suas locuções. Nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 236-237), as variantes *hi* e *i* perfazem um total de 127 ocorrências, com valor espacial anafórico (foram analisadas 20% das ocorrências).

Na LRR, com 20 ocorrências, em 19 a forma *i* apresenta valor de espaço estrito, anafórico:

- (37) ...ca muitos grandes fidalgos e ricos homees que se acontecerom de serem *i* quando ele morreu... (LRR, p. 31, l. 13-4).

Em uma ocorrência, parece, à leitura atual, ambíguo entre espacial exofórico de P2, elemento causal-consecutivo ou elemento vazio de conteúdo semântico:

- (38) E, senhor, todo meu conselho é que nom faças *i* nada e que leixes esto em Deus... (LRR, p. 60, ls. 53-54).

Observo também que 10 das ocorrências estão acompanhadas do verbo *haver*.

Na CDP, em que ocorre 39 vezes, é, em geral, de sentido espacial, referindo **lugar para onde**. Em relação à foricidade, é primordialmente anafórico, com 1 ocorrência apenas de uso exofórico de P2 e 1 de uso catafórico.

Relativamente ao uso exofórico de P2, menciono o ponto de vista de Teyssier (1981, p. 24), de que o *i* não ocorre como exofórico na CDP. É que, enquanto ele registra a segunda ocorrência de *i* no exemplo a seguir (a primeira é de uso anafórico espacial), como exemplo de *locution figée* em uso anafórico, eu a interpreto como exemplo da forma simples, em uso exofórico de segunda pessoa. Observe-se o exemplo, aliás, bastante ilustrativo, por reproduzir suposta fala, ou seja, por representar o discurso direto:

- (39) E el-rrei mandou-o deitar na rrua per hũa janella da casa honde pousava, e disse aos bizcainhos que estavom hi muitos: “Vedes *hi* o vosso senhor de Bizcaia que vos demandava por seus!” (CDP, p. 183, ls. 61-64).²

No século XVI, com um total de 57 ocorrências, apresenta sempre valor semântico espacial. Quanto à foricidade, é exofórico de segunda pessoa em 6 ocorrências:

- (40) E Corvarão, o embaixador do emperador, me parece que sera muy bõõ ficar *hy*, Requeredo despois de vos virdes. (CDJIII, c. 13, l. 148-9)

Tem-se, então, um total de 51 ocorrências com sentido anafórico variado, na maioria dos casos muito obscuro para a leitura atual, que tento explicitar a seguir.

Há casos claros de sentido espacial estrito, em que o elemento retomado tem referente extralinguístico (14 ocorrências), como nos exemplos:

- (40) ...e acenauam peraa trra como que os avia *hy*. (CPVC, fl. 3, ls. 10-11).
(41) ...porque soube daquelles captiuos \bar{q} na outra jlha que *hy* estáua perto a que chamáuã Tider podia fazer outra tal presa... (DA I, p. 33, ls. 32-34).

Há casos de referência espacial mais abstrata, textual (6 ocorrências):

- (42) E quanto à primeira, que é dor, [h]á *i* ua vergonha que tem respeito ao tempo passado... (DVV, p. 416, ls. 4-5).
(43) Onde [h]á sapiência, [h]á *i* virtude, [h]á *i* constância e fortaleza. (DVV, p. 456, l. 8).

Em outros, o elemento anaforizado é o ponto do raciocínio em que se encontra o autor (4 ocorrências), como no exemplo:

- (44) E este perdám conseguira Judas <Mat. XXVII> se, quando disse: Pequei em trair o sangue do justo², esperára na sua misericórdia, porque, sem ésta esperança, pouco aproveitam lágrimas, vergonha e dor. Outra vergonha [h]á *i* que corresponde à torvaçám e tempo presente... (DVV, p. 416, ls. 14-18).

Além desses, há dois outros usos do anafórico *i* difíceis de identificar quanto ao conteúdo semântico:

- a) o *i* retoma anaforicamente elemento de sentença anterior que pode ser interpretado como a causa da declaração da sentença em que o *i* se insere ou o explicitador da sua consequência (causal-consecutivo), em 4 ocorrências, como no exemplo:

- (45) ...e suas vergonhas tam nuas e com tamta jnoçemçia descubertas que nõ avia *hy* nehũa vergonha. (CPVC, fl. 7, ls. 11-13).

- b) o *i* retoma anaforicamente elemento de sentença anterior, considerado como conjunto, do qual foi retirado o elemento que é objeto de declaração da sentença em que o *i* se insere. A esse uso chamo **partitivo**, acompanhando, por exemplo, Tavares (2000, p. 211), visto tratar-se de elemento que “mantém uma relação de inclusão – de subconjunto – com referentes mencionados anteriormente”:

² A esse respeito, remeto o leitor a Costa (2002-2003).

- (46) Désta régra açima em que disse os nomes terem dous números, singulár e plurár, se tiram os nomes irreguláres: porque [h]á *i* uns que tem sòmente singulár e nam plurár...(GJB, p. 309, ls. 16-18).
- (47) Ua cousa notei, que todalas repóstas com que exemplificou às que eu póssó dára quem me requerer injustos requerimentos, todas sam de Gregos e Romanos. Nam [h]á *i* alguas doutras nações...(DVV, p. 462, ls. 5-7).

Esse uso é o primeiro em número de ocorrências (23 em 51). Ao leitor atual, pelo menos, o *i* parece “sobrar”, representa um vazio semântico. Em todos os casos, esse uso partitivo está em coocorrência com o verbo *haver*, em sentido existencial. Precisaria o verbo *haver* existencial ser acompanhado por elemento com traço semântico espacial, que se foi tornando paulatinamente desnecessário? Em outras palavras, o verbo existencial por excelência, no século XVI, era o verbo *haver i*? (Na GJB, também ocorre *i haver*). Não se pode deixar de fazer paralelo, como faz Teyssier (1981, p. 16), com o verbo existencial francês *y avoir*, de mesma estrutura formal e mesmo étimo.

- c) o *i* retoma anaforicamente elemento constituinte da mesma sentença em que se insere, soando, se não vazio, com certeza redundante, ponto interessante para o acompanhamento do progressivo esvaziamento semântico da forma:

- (48) Neste nosso .a. b. c. ha *hi* trita e tres letras... (GFO, p. 20, l. 7).
- (49) ...porque, dos irreguláres, [h]á *i* tanto número, que seria, como diz o provérbio, maior o cabelo que a cápa... (GJB, p. 345, ls. 3-5)

A forma *AÍ*

Tabela 8: A forma *AÍ* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)

ADVS.	ÉTIMO	XIV ₁	XIV ₂	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX ₁	XIX ₂
Aí	a + i	-	-	-	23 E-T-TX AN-EX2	4 E AN	-	9 E-TX EX2	12 TX-E-T AN-EX2
ATÉ AÍ	até + aí	-	-	-	-	-	-	-	1 T AN
Daí	de + aí	-	-	-	8 TX AN	6 E AN	-	3 E EX2	7 E-T-TX AN
Daí por diante	daí + por + diante	-	-	-	-	4 T AN	-	-	-
POR AÍ	por + aí	-	-	-	-	-	-	-	4 E EX

A forma *aí* só começa a ocorrer no século XVI, em variação, para alguns usos, com a forma *i*. Àquela época, a forma *aí* apresentava valor semântico de espaço estrito, como no exemplo:

- (50) ...tirareis loguo os despachos, e fareys toda a deligemçia na pobricaçom e execuçom d’elles, asy *ahy* como ã todos os luguares que compryr. (CCDJ, c.6, l. 235-7)

Apresentava também sentido temporal (apenas 1 ocorrência):

- (51) E q̄ quãdo os mouros ós viessem cometer, entam *ahy* lhe ficáua fazer cada hũ seu officio de caualleiro... (DA-I, p.27, l. 1-2)

Quanto à foricidade, é exofórico de P2, como no exemplo (50), e anafórico de variados níveis. É no uso anafórico que apresenta variação com a forma *i*.

Ocorre, assim, como anafórico espacial em sentido estrito:

- (52) A esposa vendo q̄ por causa sua se ya oferecer á mórte, tornou com elle: mostrãdo onde elle porella morresse *ahy* queria sua mórte. (DA-II, p.14, l. 28-30)

Como anafórico que retoma porção do texto:

- (53) ...o qual infinitiuo ou acaba em ar. como amar. ou em .er. como fazer. ou em .ir. como dormir. mas cõ tudo tambe *ahi* tem suas eiçeições... (GFO, p. 72, ls.4-6).

Como anafórico que retoma o ponto do raciocínio do autor (3 ocorrências):

- (54) ...e onde [h]á maiór ázo de pecár, *ai* se louva a austinência do pecádo. (DVV,p. 418, ls. 20-21).

Mas, na expressão da anáfora partitiva, a forma *i* é praticamente exclusiva (processo final de gramaticalização?).

Há, ainda, duas ocorrências de *ai* no século XVI, de difícil leitura. No primeiro (ex. 55), deve-se ler *há ai*, *há i* ou *ai* ?:

- (55) E os vassallos a mesma estima tem, senam quanto agora *ahii* menos pera os homes os poderem aveer. (CCDJ, c. 86, ls. 233-234).

Quanto ao segundo, deve-se ler *há ai*, *hay* (por *há*) ou *há y* ?:

- (56) Tudo ysto vejo sem oculos; e dando ordees a seu irmão de que agora nõ *hay* necessidade, mostrava nõ lhe teer aquella vôtade que me disestes. (CCDJ, c. 84, ls. 17-19)

No século XVII, o *ai* apresenta uso anafórico espacial e temporal (este, em locuções):

- (57) e desenterrarem-lhe da sepultura uma caveira, e levarem-na mui vitoriosos, e porem-na na praça de sua aldeia, e *ai*, quebrando-a com a mesma festa e fereza tomarem nome nela. (CARMA, c. LXVI, p. 87, l. 23-24)
- (58) porque houve um religioso que quis dar a sua para os pobres, e ele dormir, *dai por diante*, numa tábua. (CARMA, c. LXVI, p. 96, l. 17-18)

O adverbial *dai* apresenta também um uso inovador, em que atua como um juntivo do tipo que Tavares (2003, p. 42) denomina “sequenciador retroativo-propulsor”, visto que é “responsável pelo estabelecimento de uma relação coesiva entre um enunciado precedente e um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o já dado”:

- (59) resolvemos a encomendar o negócio a Deus, e não resolver nada nele, até chegar e ver, e *dai* (se for conveniente) ir adiante um de nós a desfazer estes enganos, (CARMA, c. LXV, p. 78, l. 29-30)

O *corpus* do século XVIII não oferece ocorrências de *ai*, nem de suas locuções. Para o século XIX, temos ocorrências de *ai* de variados tipos:

- a) Com valor espacial exofórico de segunda pessoa:
- (60) mas o que não temos é a neve e o frio excessivo, que **ahi** faraõ quando chegar esta carta (CARVÓS, c. 15, p. 159, l. 11-13).
- b) Com valor temporal:
- (61) Ao mesmo tempo fizéram-se inauditos esforços, para levar a frota do mar Negro a um gráo de efficacia *até ahi* desconhecido na Russia. (CARLEIT-BA, c. 23, p. 20, l. 51-21, l. 1)
- (62) Foi isto no dia 15 de junho. *D'ahi* até o dia 24 o *Senhor* secretario não dá copia de si. (CARLEIT-BA, c. 73, p. 58, l. 8-9)
- c) Com valor de espaço textual, a rigor, catafórico:
- (63) *Ahi* vão as novidades, que voces viraõ achar em setembro (CARVÓS, p. 191, c. 23, l. 8-10)
- (64) Eis *ahi* a carta que elle dirigio ao Arcebispo de Paris: «Paris, 14 de Outubro de 1897.» (CARLEIT-MG, c. 124, p. 23, l. 34-35)
- d) Com valor de espaço textual, um anafórico que retoma porção textual anterior:
- (65) Feita a exposição dos factos como *ahi* fica e não convido mais aos filhos d'esta terra que este municipio seja fonte de receita para este ou aquelle, (CARLEIT-BA, c. 60, p. 51, l. 13-14)
- e) Com valor causal-consecutivo:
- (66) a *confiança illimitada*, que sempre inspirou a meu venerando pae, e *d'ahi* a *repugnancia* de que outrem liquidasse as suas contas. (CARLEIT-BA, c. 43, p. 34, l. 20-22)
- f) Com valor de exófora indeterminada. Trata-se de expressão feita, e indica um espaço espreado, que não corresponde ao do falante, podendo corresponder a exófora de P2 ou de P3.
- (67) Eu vi os liberaes andarem *por ahi* como d'antes. (CARLEIT-MG, c. 86, p. 4, l. 11-12)

Dos dados aqui expostos, pode-se verificar, portanto, como elementos adverbiais de base exofórica percorreram trajetórias de abstratização espacial, assumindo referências desde a mais concreta (espaço restrito) a concepções espaciais mais abstratas, como a exófora indeterminada, o espaço subjetivo e as várias nuances do espaço textual (retomada de elemento anterior que designa espaço estrito; retomada de porção anterior do texto; retomada do ponto de raciocínio ou da narrativa que o autor desenvolve; retomada de parte de conjunto antes referido; antecipação de parte posterior do texto ou do raciocínio desenvolvido), além de noções afeitas a estruturas de junção ou de coordenação, como correlações aditivas, sequenciadores retroativo-propulsores e elementos que expressam causa-consequência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. B. B. Espacialização de base dêitica: adverbiais portugueses no século XVI. *Revista Estudos: Linguísticos e Literários*, Salvador: PPGLL/ UFBA, n. 29-30, p. 163-176, 2002-2003.

_____. *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*. 2003. Tese (Doutoramento em Letras) – UFBA, Salvador. Disponível em: <www.prohpor.ufba.br>. Acesso em: jul. 2011.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, J.P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1965.

MATTOS e SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN – CM, 1989.

TAVARES, M. A. Um percurso de abstração gradual: então nos séculos XIV, XVI, XVIII e XX. In: BECKER, M.; GREIVE, A.; SOARES, M. E. (Orgs.). *O português no Brasil: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. v. 1. Köln: Zentrum Portugiesischsprachige Welt / Universität zu Köln, 2000. 107 p.

_____. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutoramento em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TEYSSIER, Paul. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV, XV et XVI siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, Paris, Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris – XIII, n. 6, p. 5-39, mar. 1981.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA RELATIVA AO CORPUS

AZEVEDO, João Lúcio de. (Ed.). *Cartas do Padre António Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971.

BAIÃO, A. (Ed.). *Ásia: primeira década*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1932. p. 1-36. Edição crítica.

_____. (Ed.). *Ásia: segunda década*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1932. p.1-47. Edição crítica, completada por Luís F. Lindley Cintra [1974].

BARBOSA, A.; LOPES, C.R. dos S. (Orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ).

BUESCU, M. L. C. (Ed.). *Gramática da língua portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*, de João de Barros. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. 482 p. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações.

CINTRA, L.F.L. (Ed.). *A lenda do Rei Rodrigo*. Lisboa: Editorial Verbo, 1964.

FORD, J. D. M. (Ed.). *Letters of John III, King of Portugal: 1521-1557*. Cambridge: Harvard University Press, 1931. p. xi-47.

_____; MOFFAT, L. G. (Eds.). *Letters of the court of John III, king of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

LOBO, Tânia (Org.) *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A norma brasileira em constituição: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2005.

MACCHI, G. (Ed.). *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes. Roma: Edizione dell'Ateneo, 1966. p. 87-282. Ed. crítica con introduzione e glossario.

PEREIRA, S.B. *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1964.

TORRES, Amadeu; ASSUNÇÃO, Carlos (Eds.). *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, de Fernão de Oliveira. Lisboa: Academia de Ciência de Lisboa, 2000. p. 163-237 [1-76]. Edição semidiplomática.